

CADERNETA DELIRANTE

TRÂNSITOS E AFETOS NO PALCO DA CIDADE

Julia Casotti é jornalista graduada pela Universidade Federal do Estado do Espírito Santo (Ufes), com mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na PUC-Rio, financiado pela bolsa Capes. Atua como professora de português e redação, e tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em produção de reportagens, eventos e assessoria de imprensa, principalmente nas áreas de música, cinema e literatura. E-mail: juliacnogueira@gmail.com

Resumo

O artigo *Caderneta delirante: trânsitos e afetos no palco da cidade* tem o intuito de discutir os trânsitos de um personagem estrangeiro, que passa a morar no Rio de Janeiro. A partir do método proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), o desejo é construir, com um texto acompanhado de ilustrações, fotografias e colagens, uma cartografia deste corpo, aberto às surpresas que transbordam das dobras da cidade.

Abstract

The article *Delirious book: transits and affections in the city stage* have the intention of discuss the transits of a foreign character, which starts living in Rio de Janeiro. Starting from the method proposed by Gilles Deleuze and Félix Guattari (1995), the desire is to construct, with a text accompanied by illustrations, photos and collages, a cartography of this body, open to the surprises that overflow the city's fold.

*Se o corpo é a casa e o mapa é o corpo
formamos um improvável arquipélago
flutuamos ora perto ora longe
Sem caixa de correios ou endereço
Apenas a correspondência possível
entre o silêncio de ilha e os seus pássaros
remotos.*

Laura Liuzzi

1) Trânsitos no palco da cidade

Transitar por uma nova cidade a partir de uma escolha. Escolha esta que opta por movimento de corpos, construção de paisagens, cartografias, sensações e memórias. Habitar um dos Rios de Janeiro possíveis (e impossíveis). Estas são algumas pistas dos percursos de um estrangeiro que inventa uma cidade com a imaginação das caminhadas. Mar, ruas, esquinas, becos, ruelas, avenidas, os cantos mais sujos, escuros e sem placas de direcionamento estão todos lá, espalhados, como um quebra-cabeça à espera da criação de seu próprio mapa.

O estrangeiro está pronto para se reinventar, criar afetos, trocar e acumular experiências. A sensação é de estar fora de si, fora de um lugar ou de categorias fechadas, em um modo produtivo de apontar para essa fuga constante das molduras e dos lugares de pertencimento. Ele percebe que tudo transborda, nada é próprio. Não há mais especificidades e nem barreiras de contenção. A qualquer momento é possível criar pontes e laços inesperados, heterogêneos e muito diferentes entre si.



Estar perto de estranhos em uma nova cidade é livrar-se do compromisso com a própria identidade. Apostar na ideia de que ser feliz, estar à vontade consigo mesmo, “é poder tomar consciência de si sem levar um susto”, parafraseando o pensador alemão Walter Benjamin (2013). É possível correr riscos, tombar no chão, perguntar as informações mais óbvias só para quem nasceu na capital, inventar nomes e lugares. Ele tem tempo para imaginar voos livres.

Ao começar a criar o próprio território, sente-se pronto para se desgarrar dos saberes plenos, das radiografias já conhecidas. A construção deste terreno se dá como plano de ação. Nessa busca, há algumas constatações que chegam rápido: nenhum caminho é feito por linha reta. O artista plástico cearense José Leonilson, em seus bordados minimalistas com palavras vivas e repletas de potência, apontava: “O tempo passa, a linha escapa. O fio borda o fim”. Nada está sob controle, apesar das escolhas serem feitas. O imprevisível é o que borda o tempo da vida. Os fins e recomeços podem (e vão) surpreender.

A publicação *O Gigante das Flores* (2007) é um dos suportes aonde essa obra do artista visual está presente. O livro é parte da coleção “Arte à primeira vista”, cujo intuito é aproximar as crianças do universo artístico atual. Além de Leonilson, Deleuze (1997) também reforça o coro ao defender que não há linha reta nem nas coisas e nem na linguagem, e que seriam os desvios responsáveis por revelar vida nos encontros.

A língua tem de alcançar desvios femininos, animais, moleculares, e todo desvio é um devir mortal. Não há linha reta, nem nas coisas nem na linguagem. A sintaxe é o conjunto dos desvios necessários criados a cada vez para revelar a vida nas coisas (DELEUZE, 1997, p. 12).

São nestes desvios, nos deslocamentos proporcionados ao ocupar o espaço, que os encontros são possíveis, presentes nos desejos construídos a partir da inscrição do corpo no ambiente urbano. No novo espaço, ele se permite achar alguém que procura, e

também chocar-se contra. Descobrir. Se aventurar. Alcançar uma confluência de (R)rios. Estar no ponto de articulação das asas de um projeto. Acertar contas por um acaso ou pura cisma. Lutar, duelar, colidir em um combate imprevisto com outro corpo. Todas as ações são válidas na disputa pelo pertencimento na cidade.

A necessidade de se desterritorializar das antigas referências também vai constituir o seu próprio mapa em exposição. Estar à deriva. Mudar-se para viver em outro *palco urbano* é uma constante formação de trajetos e linhas de fuga a construírem uma cartografia nômade. É entender que perder-se é positivo, assim como o estilhaço dos dias e os abraços de partida. Viver em uma cidade contemporânea no século XXI é estar exposto e não ter certeza do que virá.

Apesar de *exposição* (no sentido de transparecer, revelar, arriscar) tantas vezes ser vista como fragilidade, na montagem de cartografias deste estrangeiro, ela é o contrário. O verbo “expor” é sinônimo de estar à disposição. É a capacidade de entrega, é o ato de se abrir sem receio ou pré-conceitos, ultrapassando o racional. É estar disposto a capturar sentimentos, ideias, desejos. Citando Suely Rolnik (2011) ao descrever sobre os princípios da cartografia, expor-se é dar língua e vida, através de palavras ou figuras, aos afetos que pedem passagem.

Como afirmou o pensador carioca Ericson Pires (2007), é no coletivo e na rua que o estrangeiro é capaz de se misturar no centro urbano. Ao se envolver com os espaços públicos, ao se sentir parte da construção arquitetônica da cidade contemporânea, ele dá passos largos ao lema de “espalhar o corpo em busca de sensações”.

O corpo inscrito por este estrangeiro atravessa a cidade, sem rostos fixos. Os corpos são indivíduos compostos. São uma experiência coletiva, são campos, batalhas, enfrentamentos. Conjuntos de segmentações. Os corpos escapam ao controle. Tornam-se espaço das constantes atualizações de potências de diferenciação (PIRES, 2007).

O corpo do estrangeiro está em busca de situações lúdicas em um terreno pulsante, produtor de delírios agenciadores. É o ponto de partida para sua coleção de memórias e confissões, fragmentos de um discurso amoroso sobre o Rio, construção de mapas, diário de bordo, travessias, cultura debaixo da pedra no meio do caminho, paisagem.

Ele o mantém como lugar do devir, da metamorfose, sem delimitações definidas. Tal devir é concebido por Deleuze (1991) como um “ir além”, isto é, como uma contínua superação de todos os territórios e dos significados estáticos e definitivos.

Um corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma ideia, pode ser um corpus linguístico, pode ser um corpo social, uma coletividade. Chamemos latitude de um corpo qualquer ao conjunto de relações de velocidade e lentidão, de movimento e quietude entre as partículas que, deste ponto de vista, o compõem, isto é, entre elementos não formados. Chamemos de longitude ao conjunto de afetos que ocupam em qualquer momento, isto é, os estados intensivos de uma força anônima (força de existir, poder de ser afetos). Estabelecamos assim a cartografia de um corpo (DELEUZE, 1991, p. 22).

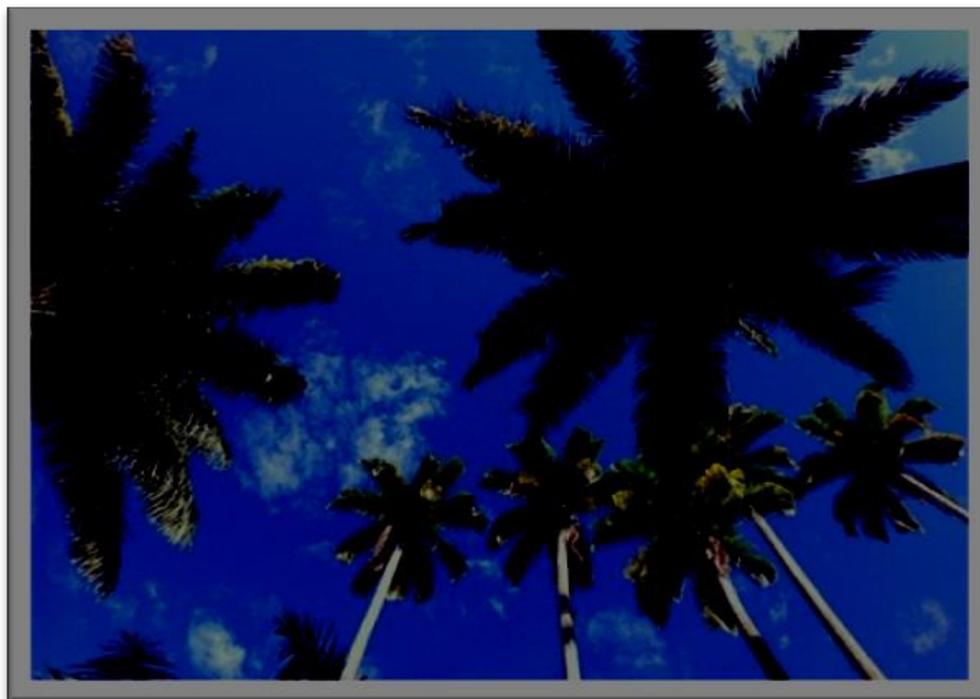
No processo de inscrição de seu corpo, o estrangeiro sabe que há um questionamento pertinente lançado aos habitantes da cidade contemporânea: o que poderia tornar as pessoas mais conscientes uma das outras, mais capacitadas a expressar fisicamente seus afetos? Ele aposta que “as relações entre os corpos humanos no espaço é que determinam suas reações mútuas, como se veem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam” (SENNETT, 2008, p.15). As chances que se dão, a produção de presença, a participação a qual estão dispostos a doar.

O sociólogo e historiador norte-americano Richard Sennett (2008) traz alguns pontos de partida para o estrangeiro pensar as relações na cidade hoje em dia. Com a tecnologia da locomoção, Sennett afirma que o espaço tornou-se lugar de passagem, medido pela facilidade com que as pessoas dirigem por ele ou se afastam do mesmo. Para motoristas, por exemplo, o espaço é transformado em um simples corredor – funcional para os atravessamentos urbanos, mas pouco atrativo para quem passa por ele.

Assim, desbravar territórios no Rio por meio dos próprios pés é contribuir para a formação de uma relação diferente com a cidade. Benjamin (2013) já dizia que aquele que voa, vê apenas como a estrada atravessa a paisagem; para o alemão, a estrada desenrola-se segundo as mesmas leis que regem toda a topografia envolvente. Só quem a percorre a pé sente o seu poder e o modo como ela, a cada curva, faz saltar do terreno plano objetos distantes, mirantes, clareiras, perspectivas. Com os pés no asfalto, é possível percorrer eixos que despertam a atenção.

Claro que é impossível não pensar nos meios de transporte em uma cidade tão grande e diversa quanto o Rio. Pegar o trem, o metrô, fazer uma integração com o ônibus, atravessar Rio-Niterói-Paquetá por barcas – todos os meios de transporte são realidades para o estrangeiro. Esses deslocamentos propõem construções de cartografias.

Também auxiliado por tecnologias, o corpo contemporâneo está pronto para ser desafiado. É possível conhecer alguém diferente na cidade todos os dias, ou algum lugar que ainda não foi pisado, nem explorado. Muitas vezes a tendência é a repetição dos eixos já conhecidos, das zonas que parecem familiares. Moradores da Zona Sul frequentam mais a Zona Sul. Moradores da Zona Norte tendem a sair mais pela “ZN”, ou pelo Centro. Moradoras da Zona Oeste seguem a mesma tendência. Talvez o Centro seja um lugar de resistência, em que todas as diferentes zonas da cidade passem por lá em algum determinado dia da semana. Trabalho, teatro, show, barzinho pé sujo mais barato, médico, material de informática com preço em conta, as vendas das feiras do Saara, o árabe (ou o pastel) depois do trabalho.



No caos, o estrangeiro escolhe dançar no corpo da cidade para se sentir mais vivo. Busca conhecer as diferenças das zonas urbanas. Sabe bem que cair no samba de Olaria e de Vila Isabel não é o mesmo que sambar no Jardim Botânico. Participar de uma passeata em Madureira não traz a mesma sensação do que uma em Laranjeiras. Aqui, não há julgamento de valor, do que é melhor ou mais autêntico. São apenas constatações de diferenças de culturas, de comportamento, de juventudes, de situações econômicas (e de distâncias) que marcam os hábitos urbanos.

2) Cidade, código experimental

A cidade do estrangeiro é como a escrita de forma livre, indefinida, entre prosa e poesia. Cidade, este código experimental, criado na subjetividade. Realidade externa do corpo e, ao mesmo tempo, espaço sentimental. Cidade é pensamento de risco, fala de si para o outro, é mecânica da montagem, construção de imagens por meio das palavras. Cidade é uma brecha entre ciência, arte e filosofia. Pode ser libertadora, como um texto das vivências que simula situações e formula destinos, imprevisível e inesperada, repleta de discontinuidades.

Em seu clássico livro *A Cidade na História* (1961), o historiador norte-americano Lewis Mumford recontou quatro mil anos de história urbana, traçando a evolução dos muros, casas, ruas e praças – equipamentos sociais indispensáveis. As primeiras aldeias surgiram no período neolítico, cerca de 3500 anos a.C na Mesopotâmia. Nas origens das cidades existe um movimento, um deslocamento. São fluxos que vêm de fora e vão criar um nomadismo propriamente urbano a constituir a cidade como lugar de circulação e dispersão.

O sagrado, a alimentação e a segurança foram fatores primordiais para o início dos aglomerados, sendo representados pelas construções de templos, celeiros

(plantações) e muralhas. Templos, igrejas e cemitérios – todos ligados à questão da morte – tornaram-se locais de peregrinação. Mumford (1961) afirma que embora os alimentos e a caça não encorajassem a ocupação permanente de um sítio único, pelo menos os mortos reclamavam por esse privilégio. Assim, além do local sagrado servir como ponto de encontro, tornou-se ponto fixo de pessoas que necessitavam do básico para subsistir.

O teórico também aponta certas funções que surgem com a cidade e que só poderiam ser realizadas nela, denominando-as “funções urbanas especiais”: mobilização, mistura e ampliação. Dessas funções, resulta uma maior capacidade de cooperação e comunhão emocional. Tanto na Mesopotâmia, quanto na Grécia e no Egito, a cidade se constitui como possibilidade de encontro, mobilizando populações vindas de terras diferentes.

Para o historiador, a ocupação das cidades seria um ato de escolha, movido pelo desejo. Era o espaço que se abria a estrangeiros e refugiados, oferecendo algum tipo de inserção, de pertinência – não uma integração, mas ao menos um lugar nos fluxos urbanos, nessa mobilização que só a cidade realiza.



3) Estrangeiro: entre a fuga e a origem

Um tipo de solidão persegue o outro que chega à cidade com a seguinte questão: é possível ser estrangeiro e feliz entre origem e fuga? Apesar de tudo, sabe-se que o estrangeiro tem a felicidade do desenraizamento e do nomadismo, o espaço de um infinito prometido. Contudo, é uma felicidade cabisbaixa, pois continua a se sentir ameaçado pelo território, tragado por lembranças de uma felicidade ou de um desastre –

Revista Escrita

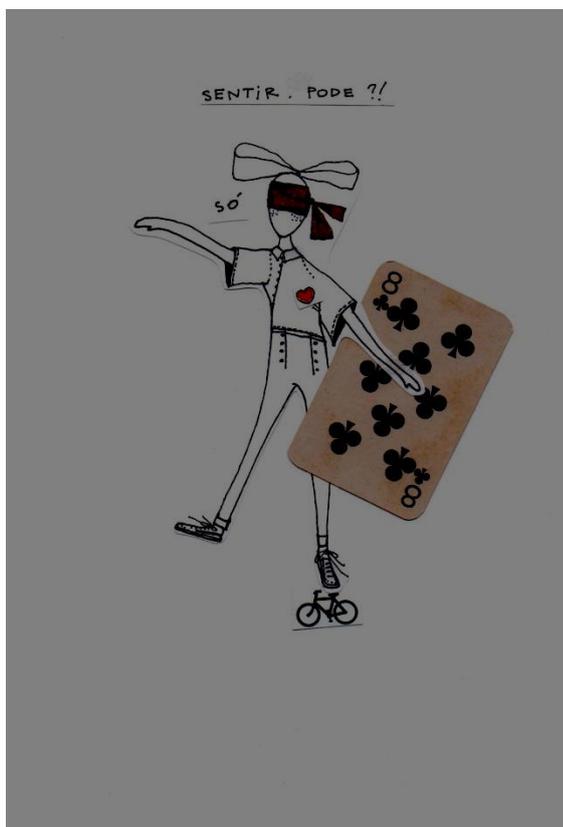
Rua Marquês de São Vicente, 225 Gávea/RJ CEP 22451-900 Brasil

Ano 2017. Número 23. ISSN 1679-6888.

escrita@puc-rio.br

sempre excessivos. Um limite frágil em trânsito como o fogo que somente brilha porque consome. Uma ferida secreta arremessa-o nesse vagar constante. É justamente nessa dobra do vagar que o encontro chega para equilibrar o nomadismo.

Para a filósofa e crítica literária búlgaro-francesa Julia Kristeva (1994), o estrangeiro crédulo é um curioso incorrigível, ávido por encontros: alimenta-se deles e os atravessa em direção a outros, sempre mais longe. E no cruzamento entre duas alteridades, o “outro” acolhe o estrangeiro sem fixá-lo. Kristeva afirma que o conceito de estrangeiro nas sociedades é acompanhado de um sentido depreciativo, que consta na própria etimologia da palavra “estranho/estrangeiro”. Para ela, o estrangeiro é a face escondida da nossa própria identidade, levando ao confronto com esse outro estranho – que faz com que as fronteiras se esgarcem e que os conceitos sejam revistos, já que “somos todos estrangeiros de nós mesmos”.



O filósofo Sérgio Cardoso é outro nome que teoriza a relação do estrangeiro no contemporâneo. No ensaio *O olhar viajante (do etnólogo)* (1993), ele pensa sobre esse sujeito que se desloca para um lugar não familiar, e como tal lugar é apreendido por seus sentidos. A experiência é de reorganização da sua própria subjetividade. Seu repertório se alia ao que ele acaba de ver, olhar e apreender no novo território para adicionar ao próprio conhecimento (LEBEDEV, 2010).

Compreendemos, portanto, que as viagens sejam sempre experiências de estranhamento. E podemos mesmo observar que está, talvez, neste efeito de distanciamento, no sentimento de *dépaysement* (termo forjado com tanta felicidade pela língua francesa, cuja significação se aproximaria do nosso termo “desterro”, se tomássemos num registro exclusivamente psicológico e simbólico) que, de um modo ou de outro, sempre

Revista Escrita

Rua Marquês de São Vicente, 225 Gávea/RJ CEP 22451-900 Brasil

Ano 2017. Número 23. ISSN 1679-6888.

escrita@puc-rio.br

envolve o viajante (que não se mostra inabalavelmente frívolo), o seu núcleo essencial e sua expressão mais íntima. (CARDOSO, 1993, p.359)

A partir da entrega, das observações e da inscrição do corpo, surgem os já mencionados encontros na cidade. Do latim “incontrare”, a etimologia da palavra “encontro” está ligada à sua face mais agressiva, que é “estar contra os adversários”. Com o tempo, o significado ganhou tom amistoso, mais lembrado ao relatar o “contato entre pessoas” – e é este o escolhido para bordar os trânsitos no palco da cidade. Quantos encontros são proporcionados em uma cidade? Quantos encontros são proporcionados nas diferentes cidades dentro da cidade? Matematicamente, talvez seja impossível contabilizar. Mas, ludicamente, é possível apostar que um estrangeiro ao caminhar pelas rotas (ruas) afetivas no espaço urbano consegue se sentir mais inscrito no corpo da capital.

Um encontro também é feito de Física. Na ciência exata, as partículas só ganham vida a partir do choque, quando elas se encontram e colidem. Assim, é possível falar em acontecimentos ou, utilizando a linguagem desta ciência, em eventos. O então jovem alemão Werner Heisenberg imaginou que os elétrons não existem sempre. Existem só quando alguém os observa, ou, melhor, quando interagem com alguma outra coisa. Materializam-se em um lugar, com uma probabilidade calculável, quando se chocam contra algo. Os “saltos quânticos” de uma órbita para outra são seu único modo de se tornarem reais: um elétron seria assim um conjunto de saltos de uma interação a outra. Quando ninguém o perturba, ele não está em nenhum lugar preciso. O curioso é que esses saltos não acontecem de forma previsível, e sim amplamente ao acaso (ROVELLI, 2015).

Do ponto de vista clínico político, o encontro enquanto “intervenção” só é possível nos momentos quentes da rede, quando o sistema de rebatimento se desarranja, permitindo devires minoritários através das variáveis menores. Sendo que a escolha é feita através de uma necessidade afetiva, em que o território escolhido para ser potencializado passa a ser ampliado.

Já no diálogo entre Gilles Deleuze e Claire Parnet (1998), o encontro é visto com importância ao falar sobre o trabalho, como por exemplo ao fazer uma pesquisa. Os filósofos citam a tarefa como uma solidão povoada de encontros, em que é no ziguezague dessa relação que pode-se aproveitar as diferenças potenciais.

Quando trabalhamos estamos forçosamente na solidão absoluta. Não podemos fazer escola, nem fazer parte de uma escola. Só há trabalho ilegal [noir], e clandestino. No entanto, é uma solidão extremamente povoada. Não de povos de sonhos, de fantasmas nem de projetos, mas de encontros. Encontram-se pessoas (e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos, entidades. Todas essas coisas têm nomes próprios, mas o nome próprio não designa de modo algum uma pessoa ou um sujeito. Ele designa um efeito, um ziguezague, algo que passa ou que se passa entre dois como sob uma diferença de potencial (...) Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isso que faz, não algo de

mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias, sempre “fora” e “entre” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 6).

Em uma pesquisa que se propõe a criar possíveis cartografia sem uma cidade, é essencial a disposição para o encontro: o encontro com o outro, o encontro no outro, o encontro como território que se modifica a cada acesso, tornando-se também uma espécie de fragmento desses contatos com o mundo. Como uma teia que produz pensamentos e experiências sobre este outro que, de alguma forma, também é você (PIRES, 2007).



Circular, deslocar, andar, correr. O olhar registra cada objeto, rua, detalhe do cenário, e cria um espaço em uma escrita-vida de imagens e cheiros. Uma fabulação literária como recurso de escrita ficcional, de invenção de cidades. Ir aonde o pé alcança e ainda mais longe do que isso. Deixar a terra e a superfície para voar pelas cartografias criadas na cidade. Fazer um inventário dos lugares por onde mora, chora, dança e naqueles específicos por onde o estrangeiro foi mais feliz desde que pisou por aqui. Buscar sensações que destrancam a vida e provocam bifurcações em ruas, esquinas, praças.

Ele escreve em um labirinto de invenções, fugindo das narrativas etnográficas. Não há um caderno para anotações sendo carregado a todo momento como num diário de campo. É importante para a escrita do estrangeiro estar “por inteiro” nos lugares, gravar com os sentidos, deixando de lado a linguagem escrita imediata. Apreciar com os olhos, ouvidos, paladar e olfato – sem anotação prévia. Em alguns momentos, o papel se faz presente, ganha importância na anotação de pensamentos pelas ruas, ao ouvir diálogos de estranhos ou ao relacionar teorias e práticas da pesquisa. O processo é livre, mas feito com rigor, oferecendo espaço para situações cotidianas darem contorno às cartografias urbanas do Rio.

Para Deleuze (1974), as pessoas sempre recontam o que já ouviram, e portanto tocando constantemente a fronteira com a palavra do outro. O mundo possível existe a partir da presença desse outrem. E, nas cidades, a experiência de alteridade é intensificada. Nessa linha de pensamento, Deleuze observa que outrem não é sujeito nem objeto, mas uma estrutura que organiza o campo perceptivo por mostrar outros mundos; e no mesmo golpe permitir experiências. Outrem desterritorializa as identidades ao nos distrair com outros mundo possíveis.

Uma fascinação das cidades para o estrangeiro é o vislumbrar a efervescência da variedade de outros, no confronto com a diversidade que apresenta outras vidas, mundos desconhecidos. A antropóloga Janice Caiafa (2007) afirma que a linguagem o aproxima daquele estranho mundo, como um lugar que o outro pode trazer para mais perto.

A aventura própria das cidades só vinga se é possível produzir o coletivo. A experiência da alteridade, que cria o espaço aberto, que renova os processos subjetivos, não sobrevive nos meios privatizados, controlados, orientados para o comércio, onde só o reconhecimento é possível. O capitalismo pode suportar ou mesmo exigir alguma heterogeneidade, mas encaixada, desativada, posta a serviço de seus axiomas. Garantir o coletivo, lugar onde o imprevisível pode trazer a diferença, é condição fundamental para essa aventura (CAIAFA, 2007, p.128).

No processo, tentar ir além das primeiras impressões é uma das intenções do estrangeiro na condição de construtor de alteridades. É para que o outro deixe de ser somente objeto de projeção de imagens já existentes e passe a ser uma presença viva, com a qual pode construir a partir dos encontros territórios de existência.

A percepção da alteridade como forma de estudo já ganhou nuances científicas ainda pouco conhecidas. Suely Rolnik (2011) destaca pesquisas que já mostram a dupla capacidade dos órgãos de sentido: a cortical e a subcortical. A primeira está ligada à percepção que permite a apreensão do mundo em suas formas para, em seguida, projetar sobre elas as representações dispostas no sujeito, atribuindo-lhes sentido. Sendo esta capacidade associada ao tempo, à história do sujeito e à linguagem.

A segunda, mais desconhecida, permite apreender a alteridade em sua condição de campo de forças vivas que nos afetam e se fazem presentes no corpo sob a forma de sensações. O exercício desta capacidade está desvinculado da história do sujeito e da linguagem. Com ela, o outro é uma presença que se integra à textura sensível, tornando-se, assim, parte deste estrangeiro. Dissolvem-se aqui as figuras de sujeito e objeto, e com elas aquilo que separa o corpo do mundo.

Assim, entre a vibratibilidade do corpo e sua capacidade de percepção há uma relação paradoxal. É a tensão desse paradoxo que mobiliza e impulsiona a potência de criação, na medida em que coloca os corpos da cidade em crise e impõe a necessidade de criação por meio das representações que estão dispostas. Movidos por esse paradoxo, o ser humano é continuamente forçado a pensar/agir de modo a transformar a paisagem subjetiva e objetiva.

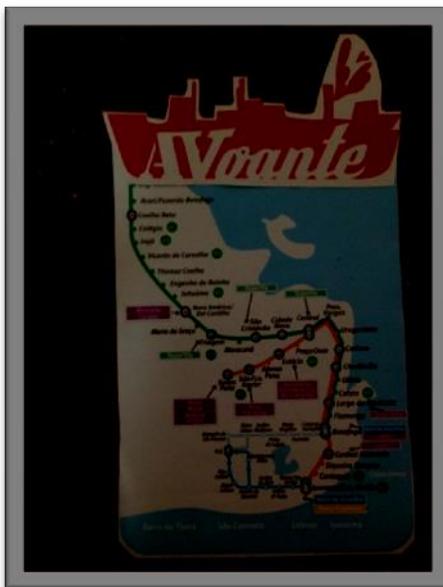
É a dinâmica entre esses dois olhares que nos é dado entrever o traçado de cartografias nos movimentos de criação da realidade de um determinado contexto histórico. Esta constitui a dimensão propriamente micropolítica do texto, sua natureza cartográfica (ROLNIK, 2011, p. 13).

Olhar vibrátil, cheio de potência, de paixão. Olhar que devora e constrói territórios para se expressar. Pode-se dizer que a pesquisa tenha sido autobiográfica, desde que entenda-se por “auto” não a individualidade de uma existência, a do autor, mas a singularidade do modo como atravessam seu corpo as forças de um determinado contexto histórico.

5) Construção dos próprios mapas

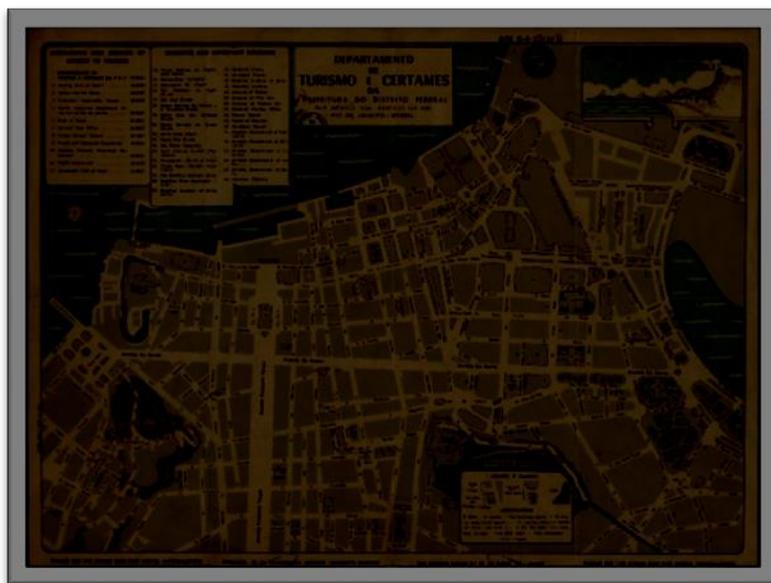
O Rio, como qualquer cidade grande contemporânea, abarca uma pluralidade de vozes e de presenças agenciadas, prontos para conexões. O Rio, como já dito neste texto, são tantos, são espaços indecifráveis, repletos de rasuras, riscos, rabiscos, ilustrações coloridas, preto e branco e outras em tons de cinzas. O estrangeiro caminha para criar os próprios mapas, só que móveis e flutuantes. Isso porque a história da cartografia é mais estática do que flexível. Na visão da geografia, há diferenças na representação dos mapas.

Na ciência que estuda o conjunto de fenômenos naturais e humanos ligados à superfície da Terra, a representação dos mapas é estática. Já a cartografia se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem, criando mundos para expressar afetos contemporâneos em relação aos quais os universos tornaram-se obsoletos (ROLNIK, 2011).



A palavra cartografia foi escrita pela primeira vez em 1839, em uma carta enviada de Paris pelo historiador português Manuel Francisco Carvalhosa, endereçada ao historiador brasileiro Francisco Adolfo Varnhagen. No entanto, antes mesmo de ganhar nome em postal físico, o ato de criar mapas já era uma realidade no início das civilizações.

Há mais de 4500 anos os primeiros mapas¹ eram desenhados. Antes mesmo de saber escrever, já havia tentativas de representação do espaço vivido em diferentes traçados e materiais. Cerâmica, papel, bronze, cascas de coco, pedra e pele de animais são algumas dessas materialidades. Hoje, o mapa mais antigo encontrado é de origem babilônica, território pertencente ao Iraque. Historiadores apontam o primeiro mapa como um pedaço de cerâmica de apenas 7 centímetros, representando o vale de um rio – provável que o Eufrates. O achado, datado entre os séculos 25 e 23 a.C, pertencia às ruínas da cidade de Ga-Sur.



Os registros desses pensamentos geográficos tinham funções de conhecer áreas dominadas, demarcar territórios, representar visões de mundo, entender o espaço ocupado. Na época das grandes navegações e dos descobrimentos marítimos (entre os séculos XV e XVI), por exemplo, os cartógrafos estavam presentes em cada expedição realizada. Sua função não era ajudar na localização, mas registrar e tornar pública a descoberta de novos territórios. Mais do que uma ferramenta de orientação e localização, os mapas ajudaram na expansão das civilizações.

Hoje, as cartografias criadas no estudo das cidades são pontos-chaves de expansão de sensações e dão passagem às experiências e construções no espaço urbano contemporâneo repleto de subjetividades. Diferentes matérias são reinventadas para essas criações: por que não usar também colagens, fotografias, cerâmicas, madeiras, papeis, poesias e sons para construir as próprias linhas que escapam?

O estrangeiro é na pesquisa uma espécie de antropófago atento às linguagens que encontra e devora o que lhe parece possível – sons, conversas, tratados filosóficos, pichações e artes visuais são bem-vindos. Qualquer forma de comunicação é motivo para estilhaçar *egogeografias*. Um convite de estar no mundo.

Antropofagia aqui deve ser vista como uma forma de subjetivação, distinta de uma política identitária. Sua caracterização remete à ausência de identificação estável

¹ As informações sobre a história dos mapas foram retiradas do site da *Revista Nova Escola*, no endereço: <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/historia-mapas-sua-funcao-social-636185.shtml>

com qualquer repertório, à abertura para incorporar universos e à liberdade e flexibilidade de experimentação. Este mergulho nas intensidades de seu tempo e nas descontinuidades de espaço, é importante para devorar tudo o que lhe parecer possível.

A cartografia atribuída como método cria seus próprios movimentos, seus próprios desvios. É um projeto que pede passagem, que fala, que incorpora sentimentos, que emociona. Os já citados filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari atualizaram projetos filosóficos, como os métodos de Bergson e de Foucault, para chegar à ideia da apropriação conceitual da cartografia.

A partir de Bergson, Deleuze traz noções de multiplicidade e temporalidade, como as construídas no conceito de *Duração* (mudanças ininterruptas onde se encontram as diferenças de natureza). Já Foucault, além de afinidade pelas metáforas geográficas, parece se inspirar no conceito de *Dispositivo*, como um conjunto de elementos moventes e heterogêneos. “Duração e Dispositivo, a meu ver, são a base de um dos princípios fundadores da cartografia, o Rizoma: uma imagem do pensamento múltiplo”, aponta a pesquisadora Lisiane Machado Aguiar (2011).

Para além da distinção quantitativa-qualitativa restam em aberto impasses relativos à adequação entre a natureza do problema investigado e as exigências do método. Não há elaboração de regras ou protocolos, mas sim a implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas. Não há também um único sentido para sua experimentação nem uma mesma entrada. Com isso, não se abre mão do rigor, porém esse é ressignificado.

6) Pistas não-objetivas

De alguma forma, as funções continuam guardando pontos de tangência com a formação de mapas que o método cartográfico deseja suscitar. A cartografia continua não sendo uma ciência neutra que representa exatamente a realidade. O mapa é uma representação adaptada e, por trás de todo mapa, há um interesse, um objetivo e um conceito. Em vez de regras, há a proposição de pistas, que funcionam como referência ao caminhar durante o próprio percurso da pesquisa.

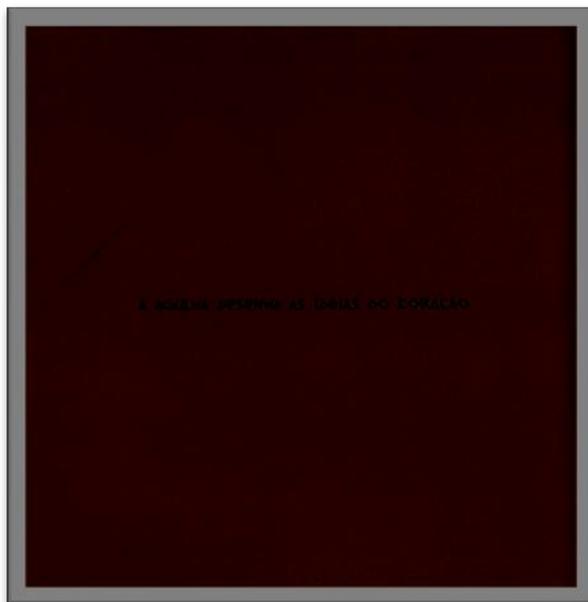
É proposto uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*. No método tradicional (*metá-hódos*) há uma meta estipulada por caminhos. Com esse novo direcionamento, a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida. O estrangeiro não abre mão da orientação para o percurso da pesquisa. É através do caminhar que traça, no percurso, suas metas – por isso a reversão para *hódos-metá*. Aqui se instala a inseparabilidade entre conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir: toda pesquisa torna-se intervenção (KASTRUP, 2009).

O estrangeiro desmancha mundo se forma outros que se criam em um mergulho nas intensidades de seu tempo. Nesse processo, o corpo atrai e repulsa gestos, trejeitos, expressões. Ele inventa pontes para fazer de sua travessia a linguagem em qualquer frequência, como um tapete voador que não segue protocolos pré-estabelecidos.

A ideia é aliar teoria e prática, sem neutralidade, em um percurso de investigação. Ele acredita que um conhecimento se produz em um campo de implicações cruzadas

(valores, expectativas, compromissos, desejos, crenças). Não é apenas o olhar do pesquisador que orienta a construção de sentidos, mas o olhar cruzado do mundo, das pessoas, dos objetos e dos espectadores.

Há, inclusive, algumas críticas ao método por conta disso. Alega-se que não há transparência no olhar do pesquisador e que é problemática a não separação entre sujeito e objeto na articulação do conhecimento com o desejo. A preferência pelo construtivismo, referente à montagem das cartografias, em relação ao demonstrativo, característico das pesquisas científicas, é outro ponto que causa divergências (KASTRUP, 2009).



O desejo de explorar outras formas no texto, de encontrar o “prazer no texto” foge da objetividade. O filósofo e crítico literário francês Roland Barthes, por exemplo, foi um desses nomes que diferentemente de pensadores contemporâneos, como Michel Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze ou Jacques Lacan, optou por não fundar uma única escola ou um sistema de conceitos. Barthes ganhou o apelido provocador de “vulgarizador sem consistência” pelos críticos por ter interesse em vários temas (moda, signos, alimentação, publicidade, fotografia, carros, arte e etc) com atenção especial para a linguagem. Costumava dizer que não há crise na língua, mas crise no amor pela língua. Por isso, pelo amor à linguagem, Barthes era um lutador apaixonado.

Éric Marty, editor das obras completas do francês, acredita que ele foi o responsável por quebrar paradigmas intelectuais por dissolver a separação entre literatura, filosofia e outras áreas das ciências humanas. “Ele teve uma relação um pouco diferente na forma de ser um intelectual. Interessa-se pelos objetos do cotidiano, do presente, que não eram considerados pelo pensamento – na época, por exemplo, um

intelectual de esquerda não falava de automóvel”, diz Marty, em entrevista à Folha de São Paulo², em 22 de novembro de 2015.

Em uma de suas aulas, em 1977, Barthes compartilhou em sala: “A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa”. Em parceria com o pensamento de Barthes, o estrangeiro tenta escrever com a cidade, inventar espaços e ocupações de corpos movidos por desejo. Desejo de criação de escrita, de movimento, de ritmos. É a busca pelo encontro de prazeres: do texto, de morar no Rio, de se sentir pertencente no corpo urbano.

Além de Barthes, Benjamin é outro nome que guarda relação com a pesquisa e sua atual escrita. Em seus apontamentos publicados no livro *Rua de Mão Única* (2013), o ensaísta também rompe fronteiras estipuladas entre arte, filosofia e ciência. O *mix* de impressões e as observações do cotidiano urbano estão ao longo das páginas devoradas através de aforismos, tantas vezes poéticos e entusiasmados, outras melancólicos e pragmáticos. Os textos são como uma rua que permite descobrir perspectivas de uma profundidade imprevista, sobretudo na sua forte relação com Paris e Berlim.

Por aqui, o estrangeiro dá as mãos à subjetividade através das “frestas das formas, onde o intempestivo se apresenta, impulsionando à criação”. Afinal, a cidade é o “lugar onde você encontra o outro” (BARTHES, 1967, p. 4), o espaço privilegiado para a produção dessas subjetividades. Ela é a arena em que os moradores estão em constante processo de negociação.

A experiência é expandida em uma produção de espaços feito de “dentros” e “foras”. A ventura que nunca está pronta, em processo constante, seguida através do desejo e seus delírios numa reeducação da sensibilidade, em uma margem que mostra outros mundos.

Segundo Guattari, concebemos subjetividade como produção. A subjetividade, embora vivida individualmente, é produzida no registro social a partir de componentes heterogêneos. Entre eles não figura apenas a história pessoal do indivíduo, mas os processos sociais e materiais que dizem respeito à sua relação com os outros, com a mídia, a cidade, o corpo, a linguagem etc. (1992). São componentes heterogêneos, internos e externos, em constante processualidade – a subjetividade não é nunca um produto, mas produção. Assim, podemos dizer que os processos sociais e materiais nas cidades podem nos afetar diretamente, produzir desejo, compor sintagmática subjetiva (CAIAFA, 2007, p. 120)

Referências

AGUIAR, Lisiane Machado. **As potencialidades do pensamento geográfico: a cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual 1.** In Intercom -

² O centenário de Roland Barthes, comemorado no dia 12 de novembro de 2015, foi tema de uma reportagem especial na seção *Ilustríssima*, do jornal *Folha de São Paulo*. Com o título "O amor à linguagem de Roland Barthes, 100" e escrito pelo jornalista Fernando Eichenberg, o texto com a entrevista do editor Éric Marty (entre outras curiosidades) pode ser lido no endereço online: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/11/1707999-o-amor-a-linguagem-de-roland-barthes-100.shtml>

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Caxias do Sul, 2 a 6 de setembro de 2010. Disponível em <http://geografias.net.br/papers/12_LisianeAguiar.pdf>. Acesso em 13 de março de 2016.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única: Infância berlinense: 1900 / Walter Benjamin**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

CAIAFA, Janice. **Aventuras das cidades: ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CARDOSO, Sérgio. **O olhar do viajante**. In: NOVAES, Aduino. O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Espinoza, filosofia crítica**. Milão: ED, Associati, 1991.

DELEUZE, Gilles. “Michel Tournier e o mundo sem outrem”. In: **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

LEBEDV, Nádía. **Olhar pela primeira vez: a percepção do estrangeiro**. In Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, volume 2, dezembro de 2010. Disponível em <www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/viewFile/7496/6917>. Acesso em 13 de março de 2016.

LIUZZI, Laura. In: **Revista Gratuita: volume 2 / Organizadora Maria Carolina Fenati – Belo Horizonte (MG): Chão da Feira, 2015.**

KASTRUP, Virgínia. **Pistas do método da cartografia pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad.: Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PIRES, Ericson. **Cidade ocupada**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

RONILK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

ROVELLI, Carlo. **Sete breves lições de física**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2008.